

Allyson Carvalho de Araújo
Antônio de Pádua dos Santos
Maria Aparecida Dias
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes
José Pereira de Melo
organizadores

DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E COMUNICAÇÃO

compartilhando
saberes e práticas



**Diálogo entre Educação
Física e Comunicação**
compartilhando saberes e práticas



Reitora	<i>Ângela Maria Paiva Cruz</i>
Vice-Reitor	<i>José Daniel Diniz Melo</i>
Diretora da EDUFERN	<i>Maria da Conceição Fraga</i>
Diretor Adjunto da EDUFERN	<i>Wilson Fernandes de Araújo Filho</i>
Conselho Editorial	<i>Maria da Conceição Fraga (Presidente)</i> <i>Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra</i> <i>Anna Emanuella Nelson dos S. C. da Rocha</i> <i>Anne Cristine da Silva Dantas</i> <i>Carla Giovana Cabral</i> <i>Edna Maria Rangel de Sá</i> <i>Eliane Marinho Soriano</i> <i>Fábio Resende de Araújo</i> <i>Francisco Wildson Confessor</i> <i>George Dantas de Azevedo</i> <i>Lia Rejane Mueller Beviláqua</i> <i>Maria Aniolly Queiroz Maia</i> <i>Maria da Conceição F. B. S. Passeggi</i> <i>Maria de Fátima Garcia</i> <i>Maurício Roberto Campelo de Macedo</i> <i>Nedja Sulely Fernandes</i> <i>Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento</i> <i>Paulo Roberto Medeiros de Azevedo</i> <i>Regina Simon da Silva</i> <i>Rosires Magali Bezerra de Barros</i> <i>Tânia Maria de Araújo Lima</i> <i>Tarcísio Gomes Filho</i>
Supervisão Editorial	<i>Alva Medeiros da Costa</i>
Supervisor Gráfico	<i>Francisco Guilherme de Santana</i>
Revisão	<i>Caulé de Papiro Gráfica e Editora (Rousiêne Gonçalves)</i>
Capa	<i>Rafael Campos e Arthur Seabra</i>
Editoração Eletrônica	<i>Caulé de Papiro Gráfica e Editora (84) 3218 4626</i>

Obra financiada pelo Governo Federal – Ministério do Esporte. Por meio da Chamada Pública da Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer). Obra avaliada por consultores ad hoc, a partir do edital de apoio à publicação de livros da EDUFERN (Edital 01/2014).

Allyson Carvalho de Araújo
Antônio de Pádua dos Santos
Maria Aparecida Dias
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes
José Pereira de Melo
(Organizadores)

Diálogo entre Educação Física e Comunicação compartilhando saberes e práticas

Coleção Megaeventos Esportivos



Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede

Diálogo entre educação física e comunicação : compartilhando saberes e práticas / organizadores Allyson Carvalho de Araújo... [et.al.]. – Natal, RN : EDUFRN, 2016.

4,49 Mb ; PDF. – (Coleção Megaeventos Esportivos).

Modo de acesso: < <http://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6223> >

ISBN 978-85-425-0548-1

1. Educação física. 2. Esportes – Mídia digital. 3. Eventos esportivos. I. Araújo, Allyson Carvalho de.

RN/UF/BCZM

2016/04

CDD 796
CDU 796

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221

Sumário

Apresentação.....7
Os organizadores

Mídia-Educação Física em tempos de megaeventos esportivos: práticas reflexivas no contexto da cultura digital.....11
Lyana Thédiga de Miranda

Os usos da fotografia na Educação Física escolar.....31
Márcio Romeu Ribas de Oliveira

Jogos digitais e Educação Física: por uma experiência corporal educativa.....53
Alan Queiroz da Costa

Mídia-Educação, Copa do Mundo e Educação Física escolar: legados imateriais e educativos.....83
Dandara Queiroga de Oliveira Sousa

Eduardo Silva dos Santos

Paula Nunes Chaves

Allyson Carvalho de Araújo

Futebol e mídia na Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis: os primeiros passes dos debates sociais.....107
Joyce Mariana Alves Barros

Dianne Cristina Souza de Sena

Allyson Carvalho de Araújo

Mídias digitais e a tematização da Copa do Mundo de futebol
nas aulas de Educação Física no Ensino Médio.....133

Alison Pereira Batista

Rafael de Gois Tinôco

Mayara Cristina Mendes Maia

Allyson Carvalho de Araújo

Sobre os autores 159

Mídia-Educação Física em tempos de megaeventos esportivos:

práticas reflexivas no contexto da cultura digital

Lyana Thédiga de Miranda

Introdução

Antes mesmo do apito final do árbitro no jogo que encerrou a Copa do Mundo da FIFA de 2014, a competição – realizada em solo brasileiro – já havia se tornado a “Copa das Copas”. Para além do *slogan*, ou do marketing governamental, o megaevento esportivo bateu recordes de participação que extrapolou os portões dos novíssimos estádios e as quatro linhas dos modernos campos, e se estabeleceu em um “palco” bem menos limitado: as redes sociais. Entre as mensagens do WhatsApp, os *twitees* do Twitter, os *feeds* de notícias no Facebook e as fotos do Instagram, a Copa do Brasil instituiu, de certa maneira, uma nova forma de assistir e estar nos eventos esportivos.

Ocupado em observar o comportamento digital dos torcedores na Copa do Mundo, um levantamento realizado pelo instituto Global Web Index¹, apontou que metade dos sujeitos

1 A pesquisa, em inglês, está disponível em: http://insight.globalwebindex.net/gwi-worldcupbehaviors-trend-report?utm_campaign=Trend%20Reports&utm_medium=social&utm_source=email

consultados² utilizou as redes sociais no mesmo momento em que assistiam a uma partida. Os motivos que incitaram tal presença nas redes foram os mais diversos, incluindo a possibilidade de opinar sobre os lances, de comemorar os gols, de motivar a equipe ou, ainda, como canal de manifestação política e social, sobretudo no caso do Brasil. De vaias a *selfies*, não faltaram exemplos ilustrativos dessa conduta, desde os milhões de seguidores das páginas pessoais de jogadores até a campanha coletiva da equipe alemã, na busca por uma imagem ilibada em terras tupiniquins.

Nesse novo cenário, a perspectiva do telespectador – aquele que em uma definição clássica, se encontra encerrado entre a poltrona e a tela – abre espaço para uma nova figura: a do *prosumer*, ou prosumidor que, em seu sentido literal, representa um misto de produtor e consumidor (GARCÍA-GALERA; VALDÍVIA, 2014). Ou seja, uma espécie de telespectador-ator que não só consome informação, mas também a produz, “confundido” polos historicamente marcados como o do emissor e do receptor. Contudo, cabe observar que no contexto da *cultura digital*, as relações e comportamentos são marcadamente entrelaçados pelas tecnologias digitais mantendo, se não uma centralidade, uma grande importância das mídias na produção cultural e simbólica dos sujeitos. Assim, questões sobre como os conteúdos são acessados, produzidos, disseminados e refletidos devem ser foco e tema caros à Educação.

Mas, até que ponto podemos considerar essa participação como uma criação – crítica, criativa e colaborativa – de conteúdos? É suficiente, no âmbito das mídias digitais, tomar o prosumidor como um receptor ativo, capaz de interpretar, valorar e selecionar os conteúdos disponíveis à distância de um clique? Ou ainda, somente a habilidade técnica, de manipular as ferramentas, criar e circular conteúdos é suficiente para a

2 Segundo o instituto, a amostra para a pesquisa foi composta por usuários das redes presentes no Brasil, Estados Unidos e Reino Unido.

apreensão do todo midiático – imbuído de relações e interesses culturais, sociais, políticas, comerciais e econômicas – que também compõem os conteúdos criados, manipulados e compartilhados nas redes?

Com esse panorama, entendemos que o campo da Educação Física – da formação inicial e continuada até o âmbito escolar – se constitui como um importante espaço para aliar a Educação à Comunicação, em um movimento de convergência não só das mídias, tecnologias e seus conteúdos, mas, principalmente, de uma *educação para a cidadania* (RIVOLTELLA, 2012). Assim, ao aproximar as mídias às temáticas caras à Educação Física como o esporte, o lazer e a cultura de movimento, propomos pensa-la no âmbito de uma Mídia-Educação Física, intentando ser este um espaço para a reflexão e ação, e efetiva participação social, cultural e política desta relação com as mídias e tecnologias digitais. Com esse intuito, os megaeventos que foram e serão realizados no país – desde o Pan do Rio de 2007 até os Jogos Olímpicos do Rio 2016, que constituem a chamada “década dos megaeventos esportivos no Brasil” – surgem como um tema oportuno para discussões na interface Educação Física e Comunicação.

Desta forma propomos, neste texto, refletir sobre o papel mídia-educativo no campo da Educação Física e no contexto da cultura digital, entrelaçando-a a cultura de movimento e ao esporte. Para tanto, serão apresentados conceitos e linhas teóricas que embasam a Mídia-Educação brasileira com referências aos trabalhos de Belloni, (2012); Fantin (2006; 2012); Giradello e Orofino (2012) e Bujokas e Rothberg, (2014). Com o intuito de traçar um breve percurso da Mídia-Educação Física brasileira, nos pautaremos nas pesquisas e experiências realizadas pelo Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina (Labomídia/UFSC). Por fim, com o objetivo de pensar novas estratégias metodológicas nesse contexto, discutiremos a realização de *oficinas mídia-educativas*

e a metodologia do *vídeo participativo* (WHITE, 2003; ALVAREZ, 2009; ZANOTTI, 2013) como possibilidades que buscam na formação a produção reflexiva de conteúdos midiáticos de forma colaborativa e cidadã, uma demanda atual no campo da pesquisa científica no domínio da Comunicação e Educação.

Mídia-Educação no Brasil: um breve panorama

O campo da Mídia-Educação, apesar de ser considerado como um espaço em construção para a pesquisa e a intervenção (FANTIN, 2006), já possui um caminho consistente na interface Comunicação e Educação. Ao traçar um breve percurso histórico das práticas mídia-educativas³ no país, nos deparamos com uma miscelânea de empenhos – sociais, culturais e políticos – e denominações – Mídia-Educação, Educação para as mídias, Educação e Comunicação, ou Educomunicação – que se revezam e se complementam na busca pela consolidação desse conceito em construção.

Nesse emaranhado de alcunhas e esforços, o interesse parece ser um só: propor diálogos e reflexões sobre as inquietantes relações entre cultura, educação, mídias e tecnologias. Assim, entendemos que, antes da denominação, foi a intenção que consolidou a busca por um campo teórico-prático (BELLONI, 2012; FANTIN, 2006, 2012; GIRADELLO; OROFINO, 2012; BUJOKA; ROTHBERG, 2014), também no âmbito da Educação Física (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBOA, 2012).

Segundo Belloni (2012), o início das atividades que, hoje, caracterizamos como mídia-educativas remonta ao final da década de 1960. Naquele período, marcado pelo regime ditatorial de exceção, os esforços caracterizavam-se pela necessidade de se instituir uma ação pedagógica voltada ao desenvolvimento de uma *visão crítica* aos materiais produzidos e veiculados nos meios de comunicação. Assim, os produtos midiáticos – filmes,

3 Para um panorama mais amplo da Mídia-Educação brasileira ver em: Giradello e Orofino (2012) Belonni e Bévort (2009) e Fantin (2006).

matérias de jornais, reportagens televisivas, novelas, peças e campanhas publicitárias, entre outros – foram (e são), adotados como um potente conteúdo pedagógico. Havia já no início (ou principalmente nele) a preocupação com a formação do cidadão, marcadamente aparada nas ideias e ideais de Paulo Freire.

Aliada à necessidade de uma postura crítica aos conteúdos midiáticos e com o surgimento de tecnologias mais acessíveis – como a fita VHS, que amparou uma nova forma de registro, consumo e disseminação de conteúdos, as câmeras de vídeo analógicas e o videocassete, que possibilitaram a produtivas e reprodutivas das imagens e o controle da programação pela audiência (era possível gravar um programa e assisti-lo a hora que quiser) –, surge a importância da adoção de uma *perspectiva técnica*. Tal aspecto seguia iniciativas de produção e participação inspiradas, por exemplo, no Jornal na Escola realizada pelo professor francês Célestin Freinet⁴.

Assim, juntamente com a perspectiva técnica, abriu-se caminho para *possibilidades produtivas* dos conteúdos. Somam-se a essa oportunidade a consolidação da Internet, sobretudo com o avanço e desenvolvimento da chamada Web 2.0⁵. Desta

-
- 4 Freinet propôs, ainda no período do pós-guerra, uma metodologia que modernizasse a escola, trabalhando, principalmente, com o que ele apontou como “a linguagem do seu tempo” (FREINET, 1974, p. 7). Essa nova metodologia ficou conhecida como pedagogia Freinet.
 - 5 Considerada a segunda geração de serviços da web, por meio dela foram disponibilizadas ferramentas que possibilitam troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, na organização do conteúdo (*wikis, blogs, rss, tags, adsense* etc.), de forma fácil e barata. Contudo, para alguns analistas da internet o universo digital sempre apresentou possibilidades para a interatividade como é realizada hoje, fazendo dessa característica um movimento natural e, por isso, tal fato não justificaria o título de “a segunda geração”. Cabe ressaltar que, por se tratar de uma área em constante mutação, tal definição não se pretende definitiva ou estanque admitindo, e incentivando, novas interpretações e entendimentos.

forma, o peculiar “modo de fazer” dos meios de comunicação de massa – que se caracterizam, principalmente, pela produção de informações e notícias advinda de um só emissor e a grande disseminação por um só canal (emissoras de rádio e TV, editoras de jornais e revistas, produtoras de cinema, e, mais recentemente, portais de internet) para vários receptores (audiência, leitores, espectadores) –, abre espaço em outras direções, tanto de partida quanto de chegada. Nesse novo contexto digital, a comunicação é de muitos para muitos⁶.

Nessa evolução, podemos identificar uma linha teórico-metodológica comum, que se caracteriza pela busca da inserção das mídias pautadas como objeto de estudo, ferramenta pedagógica e intervenção. Essas possibilidades se desenham em três dimensões de atuação mídia-educativa, como uma educação que se realiza *com, sobre/para e através* da mídia (FANTIN, 2006; RIVOLTELLA, 2012). *Com* a mídia diz respeito ao uso como instrumento ou ferramenta didática (um projetor, uma TV etc.); *sobre/para* implica a realização de uma leitura crítica dos conteúdos veiculados, e *através*, postula a criação dos conteúdos.

Didaticamente separadas, *com, sobre/para e através* são as etapas de um movimento de mediação educativa, na qual o papel da escola é preponderante, apesar de não ser o único lugar no qual tais perspectivas podem ser adotadas. Pautada em conhecer as estratégias utilizadas para a produção e circulação das informações, as possibilidades interpretativas a tais conteúdos, além de perceber como as atuais práticas de comunicação digital configuram nossas relações pessoais, culturais, sociais e políticas, se caracteriza como um movimento pedagógico caro à educação contemporânea.

6 No campo da Ciência da Computação, a comunicação de muitos para muitos é chamada peer-to-peer ou P2P. Em termos técnicos, significa a possibilidade de conectar vários servidores entre si criando uma rede e determinado para cada um uma dupla função: ser tanto disseminador quanto receptor de informações.

Partindo desse quadro, pensar a Mídia-Educação Física passa pela consideração de que mídias e tecnologias digitais possuem um papel seminal não só na formação de crianças e jovens, mas também deve ser exercida na idade adulta, instituindo a necessidade de uma ação continuada (RIVOLTELLA, 2012). Hoje, a produção cultural – da qual o esporte, o lazer e a cultura de movimento são partes importantes – nasce integrada a esse novo ambiente comunicacional (MARTÍN-BARBERO, 2004) no qual estamos imersos. Com o auxílio das tecnologias digitais, transitamos e mesclamos real e virtual, digital e analógico, informacional e relacional de forma a diluir as barreiras e naturalizar usos e comportamentos, compondo uma nova cultura, a cultura digital.

A Mídia-Educação Física: percurso e contextos

A Mídia-Educação Física, como um campo em construção, propõe, de forma geral, possibilidades interdisciplinares de investigação, reflexão e ação, tematizando a representação da cultura corporal de movimento, do esporte, do lazer, dos jogos e das brincadeiras, entre outros elementos que a compõem. Inserida em um campo de limites interpenetráveis – característica do campo da Educação Física –, a relação com as mídias, com a comunicação e com as tecnologias instaura mais um ponto de intersecção.

Na busca por um marco teórico-metodológico para a Mídia-Educação Física brasileira, Pires, Lazzaroti Filho e Lisbôa (2012) apontam as iniciativas acadêmicas realizadas na interface Comunicação e Educação Física, das quais se destacam a fundação do chamado “Grupo de Santa Maria/RS”, que remontam aos anos de 1990; a criação do Grupo de Trabalho Temático de Educação Física, Comunicação e Mídia no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), bem como a criação do Núcleo Temático de Comunicação e Esporte na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação Social (Intercom).

Hoje, sobretudo nesses dois últimos, a relação entre Educação Física, Mídias e Comunicação encontra um terreno fértil para discussões e reflexões sobre tal relação.

Ainda segundo Pires, Lazzaroti Filho e Lisbôa (2012), além dos arrolamentos entre os aspectos da Mídia-Educação com os da Mídia-Educação Física, há um importante destaque da aproximação desta com as ações de acesso livre da informação científica, e sua afinidade com temas como os Recursos Educacionais Abertos e com as políticas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, do Ministério da Ciência e Tecnologia (Ibict)⁷. Esta aproximação vem se configurando como uma característica própria da relação entre Mídias, Tecnologias e Educação Física, que acumula um grande número de projetos e iniciativas na busca pelo armazenamento e divulgação das informações referentes a esse campo⁸.

O movimento de acesso livre à informação científica é caracterizado por duas principais iniciativas: Open Access (OA) e Open Archives Initiative (OAI). Para Ferreira (2008), a OAI é o elemento técnico de interoperabilidade dos sistemas enquanto que a OA é a base política que fundamenta o acesso livre à informação científica. O acesso livre consolida-se com a disponibilização integral e gratuita na Internet de literatura de caráter científico, permitindo a qualquer pessoa a possibilidade de pesquisar, consultar, descarregar, imprimir, copiar e distribuir fontes de informação científica (sem fins comerciais) (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBOA, 2012, p. 60).

Mesmo extrapolando os “muros da escola” e tendo como característica o viés interdisciplinar, ocupando espaços formais e informais de educação – entre eles a participação na formação continuada de profissionais da Comunicação Social, sobretudo

7 www.ibict.br.

8 As diversas ações de documentação e memória, que privilegiam o acesso e a democratização das informações sobre o campo da Educação Física, Esporte e Lazer estão detalhadamente apresentados no texto de Pires, Lazzarotti Filho e Lisbôa (2012).

jornalistas⁹ – a Mídia-Educação Física mantém a escola, as políticas públicas de educação e a formação inicial e continuada como campo privilegiado para a reflexão e prática social no contexto da cultura digital. Entre os trabalhos, destacamos as pesquisas realizadas pelo grupo do LaboMídia/UFSC¹⁰, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, mas contando com parcerias e a colaboração de pesquisadores em todo o país.

Caracterizado como um dos poucos grupos de pesquisa dedicados aos temas que entrelaçam mídias, tecnologias, comunicação e Educação Física, o LaboMídia realizou, desde a sua fundação, em 2003, diversos estudos na área¹¹. A ênfase das pesquisas do grupo se agrupa em temas como: *Estudos observacionais-descritivos e de recepção*; *Estudos sobre mediações/interlocuções pedagógicas*; *Análises de produtos da Mídia, e Cultura Digital e Aprendizagem* (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBÔA, 2012).

Segundo os autores, os *Estudos observacionais-descritivos e de recepção* se caracterizam por investigar como determinados grupos sociais constroem sua compreensão e produzem sentido na relação com as mídias, seus conteúdos e discursos. Entre as pesquisas realizadas pelo grupo, destacam-se os trabalhos de Costa (2006) e Antunes (2007), realizados com jovens escolares do ensino médio de escolas públicas de Santa Catarina. Nos *Estudos sobre mediações/interlocuções pedagógicas*, as pesquisas como as de Oliveira (2004) e Bianchi (2009), buscam – com base na pesquisa-ação e/ou pesquisa-participativa – inserir as mídia e as tecnologias no contexto da Educação Física escolar – seja na formação inicial e continuada, ou como componente das aulas.

Com grande tradição teórica baseada nas Teorias da Comunicação (WOLF, 2001), as *Análises de produtos da Mídia* usam,

9 Este tema será abordado no próximo tópico.

10 www.labomidia.ufsc.br

11 Todos os textos, artigos e livros publicados pelo grupo e por seus componentes estão disponíveis para consulta e *download* na página do LaboMídia.

como objeto, o discurso midiático esportivo veiculado nos diversos meios e pelos mais variados canais. Com esse escopo, o LaboMídia tem realizado, periodicamente, pesquisas coletivas como a intitulada *Observando o Pan/2007* (2009) e o *Brasil na Copa, a Copa no Brasil* (2011), ambas publicadas em formato de livro.

O último eixo, o das pesquisas sobre *Cultura Digital e Aprendizagem*, têm se concentrado nas possibilidades e desafios de se pensar a Educação Física em um contexto permeado pelas tecnologias digitais – com destaque para as relações com a Internet, os vídeo games, a Educação à Distância (EAD), a presença das tecnologias digitais nas políticas públicas, entre outras. Mesmo sendo o grupo mais atual de investigações, já conta com pesquisas relevantes como as de Pereira (2009); Quaranta (2011); Azevedo (2011); Ferrari (2012); Piovanni (2012); Poffo (2014) e Menezes (2014).

Nesse contexto social e cultural cada vez mais marcado pela presença das tecnologias digitais, o conceito de Mídia-Educação Física caminha em busca de um reconhecimento das suas bases conceituais e teórico-metodológicas. Nesse processo, tem destaque a prática coletiva e cooperativa – que distinguem a própria relação nos ambientes digitais. Desta forma, pensamos ser a necessidade de um maior entendimento sobre a construção de significados, bem como as aprendizagens características da contemporaneidade, a direção que Mídia-Educação Física irá seguir na construção e investigação de novos *saberes e fazeres*.

Tendências, possibilidades e desafios: as oficinas de Mídia-Educação Física

Em uma perspectiva de convergência (JENKINS, 2011), as mídias e as tecnologias digitais se constituem como *objetos sociais* capazes de promover um importante espaço não só para as relações, mas também para a formação. Contudo, esse cenário acarreta deslocamentos dos temas constantes da

Mídia-Educação, que também marcam a Mídia-Educação Física, tais como: a centralidade da escola; o processo mídia-educativo pautado no uso *com, sobre/para e através* das mídias; a sua constituição cultural e seu lugar no incentivo ao letramento e à leitura/postura crítica da realidade (RIVOLTELLA, 2012).

Tal paisagem de mudanças abre caminho para o que Rivoltella (2012) aponta como *tendências* da Mídia-Educação. Segundo o autor, as mídias digitais são responsáveis por articular novas lógicas culturais que acarretam “quebras e rupturas” nesse campo em construção. São elas: i) a necessidade de pensarmos contextos formativos fora da escola, estendendo-o ao âmbito familiar, social, cultural, entre outros; ii) a necessidade de os esforços mídia-educativos abrangerem todas as idades e, iii) a criação de novos métodos de análise e investigação.

Dentro dessa conjuntura de necessidades, que se interconectam e se confluem, o tema dos megaeventos esportivos aparecem como oportunidade frutífera de associar diferentes perspectivas ao âmbito da Mídia-Educação Física. Desta forma, procura-se associar tal campo ao da *educação para a cidadania*, de forma a analisar, refletir e produzir conteúdos que tematizem os megaeventos em toda a sua complexidade. Isso implica afinar a percepção e enxergar, atrelados aos acontecimentos esportivos, temas mais amplos que envolvem as diversas esferas da sociedade e suas implicações, entre eles perspectivas econômicas, políticas, culturais, bem como questões sociais, como as ligadas à infraestrutura e aos legados.

Nesse cenário de rupturas, entendemos que as possibilidades didático-pedagógicas, mesmo extrapolando os limites da educação institucional, se constituem como um importante espaço de intervenção e ação na busca por uma perspectiva cidadã no uso das mídias e tecnologias digitais. Dentro dessa paisagem, apontamos as intervenções que se caracterizam como *oficinas de Mídia-Educação*, como possibilidades de se trabalhar com as mídias no contexto da cultura digital. Entendemos

que tais oficinas se constituem como um importante canal de formação, interlocução, criação e reflexão, ocupando os mais variados espaços educativos, formais e não formais.

No formato de *workshops* ou pequenos encontros pontuais, as oficinas possuem como características principais a possibilidade de direcionamento e constante renovação dos conteúdos trabalhados, adequando-os à necessidade dos alunos ou público, e fomentando futuras discussões que pautarão novas oficinas. Mesmo móveis e maleáveis quanto ao conteúdo, apresentam uma estrutura fixa, que direciona sua realização e a caracteriza como lugar para a ação-reflexão-ação. Assim, são, ao mesmo tempo, espaços para a produção – por meio da capacitação em alguma ferramenta midiática – e reflexão, que possibilita uma formação prático-reflexiva em busca de uma “cidadania ativa” (RIVOLTELLA, 2012, p. 26).

No novo contexto social, a Mídia-Educação torna-se um fator importante de cidadania ativa: é muito difícil, em nossa sociedade sermos cidadãos ativos sem nos valermos da Mídia-Educação. Então, a tarefa da Mídia-Educação e da educação para a cidadania vai se compondo (RIVOLTELLA, 2012, p. 26).

Instituir uma perspectiva cidadã nas oficinas privilegia, de forma intrínseca a suas atividades, o caráter não formal (que não impossibilita a realização no âmbito formal de educação) que abre espaço para o trabalho com temas interdisciplinares de grande relevância sociocultural – como é o caso dos megaeventos esportivo – e com um viés interinstitucional. Como exemplo, podemos destacar a realização, durante os anos de 2012 e 2013, de oficinas sobre a Copa do Mundo de 2014 e os direitos da infância, uma iniciativa da Andi e do UNICEF. Para a realização das oficinas, as instituições convidaram pesquisadores que analisam os temas Mídias e Esporte. Em encontros pontuais, tais pesquisadores tiveram a oportunidade de apresentar aos jornalistas responsáveis pela cobertura do megaevento em grandes veículos brasileiros de mídia impressa, uma perspectiva mais mídia-educativa na relação entre esporte e mídia,

propondo novas práticas e mostrando novos pontos de vista relacionados ao tema¹².

Além das possibilidades interdisciplinares e interinstitucionais, as oficinas mídia-educativas também oferecem a oportunidade de adoção de novas metodologias, mais participativas e colaborativas, na relação entre mídias e educação. Nesse ponto, elas se apresentam como um importante espaço para a realização de um trabalho intercultural, que se abre para “outras educações” (RIVOLTELLA, 2012, p. 26).

Adotar *abordagens de comunicação participativas* – entendidas como estratégias comunicativas de promoção e participação com o objetivo de intervir e mudar uma determinada situação social chamando atenção para ela e instituindo, assim, um debate social sobre o tema (WHITE, 1994) – significa abarcar e valorizar os diversos saberes, abrindo igualmente espaço para os diversos pontos de ser e estar na sociedade. Nesse sentido, nos voltamos a Freire (2011) quando este aponta que a educação se dá nessa relação dialética entre cultura e ambiente, que recusa os olhares uniformizadores e admite as diversas comunicações nesse processo.

Assim, no contexto dos megaeventos esportivo, entendemos que a realização das oficinas em Mídia-Educação apoiadas pelas abordagens de comunicação participativas se configuram como um importante espaço, tanto para o debate quanto para a criação de estratégias comunicativas, e para a ação. Um exemplo é o *vídeo participativo* (WHITE, 2003; ALVAREZ, 2009; ZANOTTI, 2013), que surge como uma metodologia que congrega as características principais da Mídia-Educação no seio de uma educação para a cidadania. Possibilita criar, comunicar,

12 O professor Giovani De Lorenzi Pires foi um dos pesquisadores convidados da rodada de oficinas realizadas pela Andi e Unicef. Os debates sobre os direitos da Infância e Juventude no contexto dos megaeventos culminaram no Guia de referência para a cobertura jornalística (2014) (Link disponível nas Referências deste texto).

participar e, acima de tudo, refletir sobre uma realidade social utilizando como tema seu próprio contexto sociocultural. O vídeo participativo é definido como

Um conjunto de técnicas que envolvem um grupo ou comunidade na produção e criação de seu próprio filme que propicia ao grupo ou comunidade agir para a resolução de seus problemas, ao comunicar suas próprias necessidades para influenciadores, decisores ou outros grupos e comunidades (LUNCH, 2006, p. 10, tradução livre).

Assim, indagações normalmente feitas na análise dos produtos de mídia, ou seja, na perspectiva reflexiva, mudam o foco do telespectador para o produtor, deslocando-o para o que seria a perspectiva do prosumidor (GARCÍA-GALERA; VALDÍVIA, 2014). Assim, ao questionar: *a quem essa mensagem se endereça? Que público quer atingir e por quê? Em qual perspectiva histórica ela se pauta? Quais “vozes” estão expressas? Quais foram “caladas”? Quais estratégias usadas para chamar a atenção e fazer com que quem está assistindo se sinta incluído/representado/sensibilizado? Como os elementos e códigos usados nesse gênero específico (audiovisual) afetam o que vemos, ouvimos ou lemos (trilhas, fontes, cores etc.)? Como outros públicos podem interpretar o mesmo produto da mídia?* – questões caras a uma abordagem mídia-educativa – quem produz percebe que, tanto no produto por ele criado quanto nos veiculados nos mais diversos canais e em vários formatos, há embutido naquelas imagens, locuções, transições, recortes, planos e enquadramentos, a *intenção* de que o produziu.

O contexto de produção reflexiva proposto pelo vídeo participativo nos coloca frente a uma das características mais importantes da cultura digital: o viés colaborativo e participativo nos processos de construção de sentido e aprendizagens. Neste sentido, é interessante refletir sobre o termo *multiliteracies*¹³

13 Dependendo da inclinação teórica, o conceito de *multiliteracies* – ainda em construção no Brasil – pode ser traduzido como multialfabetizações ou multiletramentos.

(NEW LONDON GROUP, 1996) que, de forma breve, se refere às múltiplas capacidades de ler e compreender as mensagens midiáticas, levando-se em consideração questões sociais e culturais que ali incidem. Com a produção reflexiva da metodologia do vídeo participativo aliado à realização de oficinas no contexto da Mídia-Educação Física, estamos falando de algo que, longe de ser uma novidade, já foi realizado nas pedagogias fundadas por Freinet e Freire. Trata-se de tornar a aprendizagem um processo participativo, para que os alunos (de todas as idades) sejam tomados como sujeitos ativos, críticos e pensantes.

Mas, será que ao considerar os produtores sob o conceito de *prosumer*, ou na perspectiva “prima-irmã” a essa, a de *produser* (BRUNS, 2009) – que significa o entrelaçamento entre posições de *produção* e *uso* das mídias e seus conteúdos questionando, igualmente, o lugar do emissor e do receptor no contexto da cultura digital (FERRARI *et al.*, 2011) – questões como hierarquia na construção, veiculação e consumo das mensagens, caras as estratégias das mídias de massa, estariam resolvidas? Deixaríamos de questionar a relação entre ética e estética na produção de conteúdos midiáticos, participativos ou de massa, em prol da ampla participação?

(Mais) algumas considerações

As questões que fecharam o tópico anterior – propositalmente amplas e abertas – surgem como uma provocação, mas também como um convite. Convoca a pensar que as ações realizadas e ponderadas em um campo em vias de edificação, como o da Mídia-Educação Física, bem como o da própria Mídia-Educação, embora ativas, ainda são incipientes em um contexto permeado pelas tecnologias e mídias digitais. Por meio de suas estratégias, as novas mídias (nem tão novas assim) dão a impressão de participação, ao mesmo tempo em que as “velhas” mídias de massa (ainda) aparecem fortalecidas e, constantemente, renovadas.

Mas as questões também provocam, sobretudo quando afirmam que, apesar de incipientes, as atividades realizadas em cada oficina são contribuições fecundas que arquitetam o próprio campo da Educação Física, auxiliando-o no enfrentamento dos desafios e apontando possibilidades de intervenção – educativa, social, pedagógica. E em um país no qual o esporte se constitui como um campo social e cultural, acreditamos que a interação com as mídias de forma crítica, criativa e cidadã – seja por meio das oficinas ou mesmo em um conversa de professores com alunos – se constitui como uma oportunidade para vivências e experiências reflexivas. Neste cenário, uma nova forma de ser, estar e se relacionar se constrói, tecendo juntamente a possibilidade de transformar receptores em produtores, para novamente os localizar como receptores, mas das obras produzidas por eles mesmos.

Assim, apoiados nas abordagens de comunicação participativas, as estratégias mídia-educativas propõem uma atuação que ultrapasse o processo de produção de conteúdos e localize-se também no exercício de acompanhar, opinar e fiscalizar os desdobramentos sociais dos temas tratados pelas mídias. No caso dos megaeventos esportivos realizados no Brasil, esta se desenha como uma possibilidade de localizar e buscar a efetiva representação nesse processo que parece tão distante, mas que envolve a todos para além das meras ilustrações exercidas pelos grandes meios de comunicação.

Como aponta Santin (2009), os megaeventos esportivos se constituem como espaços de contradições, mas também de benefícios, entre eles, o de ser uma grande oportunidade de mobilizar as pessoas. Em seu breve, mas frutífero ponto de vista, ele olha pela fresta dos megaeventos e, como uma curiosa mariposa é atraído pela luz inebriante dos flashes e do brilho que envolve as grandes competições esportivas. Mas ele não se deixa ofuscar e consegue enxergar, ali, duas partes de um mesmo objeto: o esporte e o poder. Acreditamos que o intuito

de olhar e ver para além do “brilho” – que enfeita a relação entre mídias e temas caros ao campo da Educação Física como o esporte, o lazer e a cultura de movimento –, deve pautar os esforços da Mídia-Educação Física.

Referências

- ALVAREZ, Gabriel O. **Satereria**. Manaus: Valer, 2009.
- ANTUNES, Scheila A. **O “país do futebol” na copa do mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, *PPGEF/UFSC*, 2007.
- AZEVEDO, Victor. **Jogos eletrônicos e educação: construindo um roteiro para sua análise pedagógica**. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis, *PPGE/UFSC*, 2011.
- BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: contextos, histórias, interrogações**. In: FANTIN, Monica, RIVOLTELLA, Pier Cesare. (Org.) **Cultura digital e escolar: Pesquisa e formação de professores** (p. 31-56). Campinas: Papyrus, 2012.
- BEVORT, Eveline. & BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Revista Educação e Sociedade**, v. 30, p. 1081-1102, 2009.
- BIANCHI, Paula. **Formação continuada em Mídia-Educação (Física): ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), *PPGEF/UFSC*. Florianópolis, 2009.
- BIJOKAS, Alexandra; ROTHBERG, Danilo. La educación en medios y las políticas educativas brasileñas para la mejora del aprendizaje. **Comunicar**, v. 43, pp. 113-122, 2014. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=43&articulo=43-2014-11>>. Acesso em: 8 nov. 2014.
- BRUNS, Axel. Blogs, **Wikipedia, Second life, and Beyond: from production to produsage**. New York: Peter Lang, 2009.
- FANTIN, Monica, RIVOLETLA, Pier Cesare (Org.). **Cultura digital e escola. Pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2012.

..... **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRARI, Rodrigo D. *et al.* Copa digital: blogs antecipam 2014. In: PIRES, Giovani De Lorenzi. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil.** Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

..... **Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do repositório institucional da rede CEDES.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2012.

FREINET, Celéstin. **O Jornal escolar.** Lisboa: Editorial Estampa, 1974. Disponível em: <www.jornalescolar.org.br/o-jornal-escolar>. Acesso em: 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALDINO DA COSTA, Antonio. **Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2006.

GARCIA-GALERA, Maria Carmen; VALDIVIA, Angharad. Prosumidores mediáticos. Cultura participativa de las audiencias y responsabilidad de los medios. **Comunicar**, v. 43, 10-13, 2014. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=43&articulo=43-2014-31>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

GIRARDELLO, Gilka; OROFINO, Maria Isabel. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a Mídia-Educação no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 9, p. 73-90, 2012 Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/312>>. Acesso em: dez. 2012.

GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS E DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: guia de referência para a cobertura jornalística. Brasília, DF: ANDI, Conanda, 2014. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/publicacao/guia-de-referencia-para-a-cobertura-jornalistica-grandes-eventos-esp>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

JENKINS, Henry. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century.** 2011. Disponível

em: http://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004

NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**. v. 66, n. 1, Massachusetts, 1996. Disponível em: <<http://www.newliteracies.com.au/what-are-new-literacies/?/138/>>. Acesso em: 15 out. 2011.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas. **O primeiro olhar**: experiência com imagem na educação física escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/UFSC. Florianópolis: 2004.

PEREIRA, Rogério Santos. **Avatares no secondlife**: corpo e movimento na constituição da noção de pessoa on-line. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2009.

PIOVANI, Verônica Gabriela S. **Escola, tecnologia e sociabilidade na educação física**: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do plano CEIBAL e PROUCA. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2012.

PIRES, Giovani De Lorenzi; LAZZAROTTI FILHO, Ari; LISBÔA, Mariana. Educação Física, mídia e tecnologias – incursões, pesquisa e perspectivas. **Kinesis**, Santa Maria/RS, v. 30, n. 1, p. 55- 79, 2012.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Observando o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

_____. **O Brasil na copa, a copa no Brasil**. Florianópolis; Tribo da Ilha, 2011.

POFFO, Bianca Natália. **Formação de professores e periódicos on-line**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2014.

QUARANTA, A. M. **Formação de professores de Educação Física na modalidade de educação a distância**: experiências docentes no estágio supervisionado. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2011.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Retrospectivas e tendências da pesquisa em Mídia-Educação no contexto internacional. In: FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). **Cultura digital e escolar**:

Pesquisa e formação de professores, p. 57-94). Campinas: Papirus, 2012.

SANTIN, Silvino. **Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios – contradições**. Motrivivência ano XXI, n. 32/33, p. 332-334 jun.-dez./2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p332>>. Acesso em: 8 nov. 2014

SANTOS, Silvan Menezes dos. **Megaeventos esportivos, Educação Física e Convergência Digital**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis, PPGEF/UFSC, 2014.

WHITE, Shirley A. **Participatory Video. Images that Transform and Empower**. New York: Sage Publications Pvt. Ltd, 2003.

ZANOTTI, Ana. Olhares em progresso, Olhares em processo: Uma experiência de vídeo participativo com jovens que habitam um espaço fronteiriço. **iluminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 32, p. 123-145, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/37747>>. Acesso em: 15 maio 2014.